

REKÓ=HISTORIA EM TUPI GWARANI

O Tamanduá do olho Pequeno



Ezequiel da Silva
Awá Nimangá



Governador do Estado de São Paulo
Geraldo Alckmin

Secretário de Estado da Educação
Gabriel Chalita

Coordenadoria de Estudos e Normas
Pedagógicas - CENP
Sonia Maria Silva

Pça. da República, 53 – Centro
01045-903 São Paulo – SP
Tel. (11) 3218 2000
Site <http://www.educacao.sp.gov.br>

NEI – Núcleo de Educação Indígena SP
Deusdith Bueno Velloso

Faculdade de Educação
Fundação Apoio a Faculdade de Educação
Universidade de São Paulo

Diretora da Faculdade de Educação e
Presidente da Fundação Apoio a
Faculdade de Educação - FAFE
Selma Garrido Pimenta

Coordenação Geral
Maria do Carmo S. Domite - FE/USP

Av. da Universidade , 308
05508-040 – São Paulo – SP
Tel. (11) 3034 5492

Organizadora
Nívia Gordo

ssores orientadores
Nívia Gordo
Marinilzes Moradillo Mello
Gustavo Kilner

Autor
Ezequiel da Silva
Awá Nimangá

Revisor
Giselda Jera
Joel Martins Karai Miri ¹
Persio Nakamoto

Projeto Gráfico
Cláudia Georgia Sabba

¹ O professor Indígena Joel Martins, da etnia guarani, encaminhou a revisão deste material em diferentes momentos, ora frente a leitura do material, ora indo ao encontro do autor na aldeia, procurando reconstruir o significado de alguns termos nos diferentes contextos.

Educação indígena: tradição e inovação

O respeito à diversidade é um dos princípios básicos para a construção de uma sociedade pautada pela tolerância, compreensão, ausência de discriminação e de preconceito - fatores que culminam com a tão sonhada cultura da paz. A sabedoria e a riqueza maior de um povo estão, justamente, na capacidade de aceitar o outro com as suas diferenças, o que torna possível a troca de experiências e conhecimentos essenciais à vida em sociedade. Educar é, dentre outras coisas, despertar para a importância desses valores. Esse é objetivo maior do **Projeto Pedagógico de Formação de Professores Indígenas**, cujas diretrizes, programas e ações estão detalhadamente expostas nesta publicação.

Este material funcionará, na verdade, como um divisor de águas na medida em que esmiúça o projeto e possibilita, assim, a divulgação dessa experiência tão inédita quanto bem sucedida no Estado de São Paulo. Acreditamos que a implementação de uma educação de excelência só ocorre por meio da criação de políticas públicas comprometidas tanto com a qualidade de ensino quanto com a universalização desse benefício. Dessa forma, viabilizamos o acesso do binômio ensino-aprendizagem para um número cada vez maior de aprendizes, independentemente de raça, crença ou classe social.

Nesse contexto, o papel dos educadores é, justamente, levar para os alunos dos diversos grupos indígenas existentes na capital, na grande São Paulo, na Baixada Santista e no Interior os aprendizados necessários para que desenvolvam a consciência crítica capaz de propiciar às suas vidas o equilíbrio entre tradição e inovação. Um equilíbrio que oferecerá aos educandos os instrumentos indispensáveis para enfrentar os desafios do século XXI e, ao mesmo tempo, cultivar suas raízes, suas histórias, suas línguas e suas tradições milenares.

O Governo Geraldo Alckmin - por meio da Secretaria de Estado da Educação está atento à importância dessas questões. Nesse sentido, estamos dando continuidade ao trabalho desenvolvido junto à educação indígena desde 1997, quando a Secretaria criou o Núcleo de Educação Indígena de São Paulo (NEI). Após sua implantação, avançamos muito na concretização de uma educação sintonizada com as necessidades das comunidades indígenas.

Para isso, realizamos pesquisas que mapearam a distribuição dessas comunidades em todo o Estado, bem como o tipo de ensino recebido pelas crianças indígenas e a construção de escolas nas aldeias. Em paralelo, demos início a uma série de encontros de Educação Indígena, de maneira a capacitar recursos humanos e discutir a formulação de propostas didático-pedagógicas para as mais variadas tribos indígenas presentes no Estado.

As capacitações dos docentes foram realizadas por intermédio de cursos especiais tanto para professores não-indígenas quanto para professores indígenas. Especialistas de universidades públicas paulistas forneceram consultoria para todas as atividades relativas ao projeto, dentre elas a elaboração de materiais didáticos específicos para os estudantes indígenas.

É a educação de São Paulo associada, principalmente, à propagação da cidadania e à formação dos atores sociais que contribuirão para a construção de um mundo melhor, mais justo, fraterno e igualitário.

Gabriel Chalita
Secretário de Estado da Educação

PROFESSOR,

A Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP, visando à qualidade do ensino das escolas Indígenas e à valorização de uma política pública que atenda aos preceitos da diferença e da especificidade, decidiu pela produção de um material didático bicultural. Trata-se de produção inédita que contou com a sua colaboração, sob a orientação de professores e coordenadores de área contratados pela FAFE-FE-USP para o Curso Especial de Formação em Serviço para Professores Indígenas para a Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental (1ª a 4ª série). Houve, também, a preocupação de realizar um acompanhamento de todo esse trabalho, por meio do Comitê Gestor desse curso. Esperamos, dessa forma, estar ajudando na construção da escola intercultural e bilíngüe, sonho de todos nós.

O trabalho com este material envolve a criação e elaboração de propostas promotoras de situações e ambientes que estimulem a formação de leitores e escritores, ampliem prática docente, aprimorem o projeto pedagógico e proporcionem condições efetivas de acesso ao conhecimento e ao desenvolvimento de habilidades básicas, na prática intercultural.

SONIA MARIA SILVA
COORDENADORA DA CENP

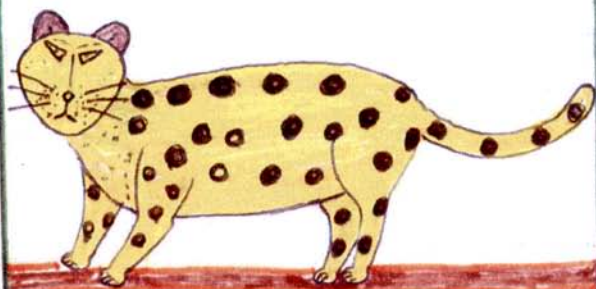
EZEQUIEL DA SILVA
AWÁ NIMANGÁ

O TAMANDUÁ DO OLHO PEQUENO

FEUSP/MagIND
SÃO PAULO

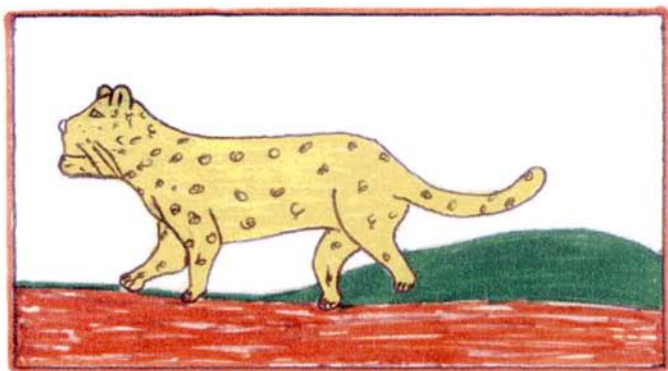
2003

Era uma vez
uma onça, um
tamanduá e um
inambu.



Peteĩ güe'je
Peteĩ aguara
Peteĩ kaguaré
Peteĩ inambú.

Um, dia a onça foi pelo
caminho e encontrou o
tamanduá que vinha em
busca de comida.



Peteĩ ary're aguara
tape'rupi oo javé omaiti
kaguaré ke ou oiny
tembiú'reé.

A onça perguntou para
o tamanduá e disse: por
que você tem olhos
bem pequenos e
enxerga bem?



Aguara oporandú
kaguare upé ipoe'í
ma'erã ke ndee deroxá
mbari'i va'é rexa porã.

O tamanduá responde: eu fui curado pelos espinhos. Furei os meus olhos e agora enxergo bem. E se você quiser enxergar bem é só fazer isso e pronto. A onça se interessou e foi procurar espinhos.

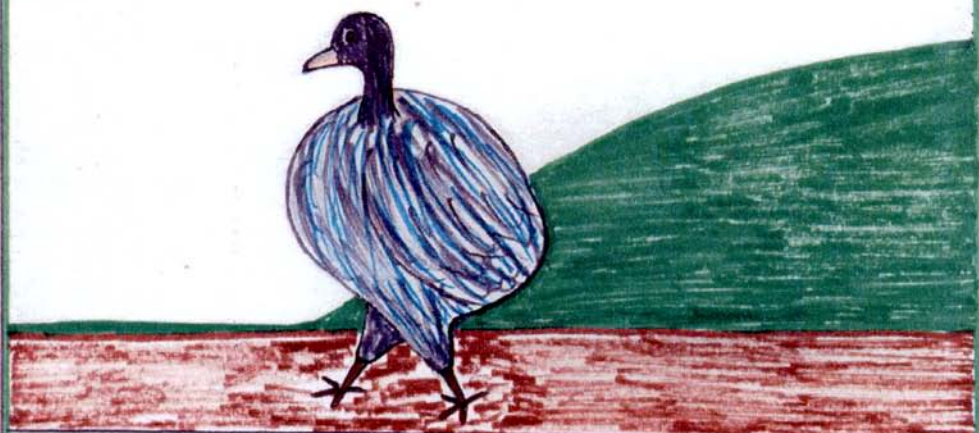
Kagware ipoe'i xee anhemonguera juúpy ambokua xe'rexá. E ko'ay aexá porã. Mdereipotá ramô rexa'porã ejapo okore e aévemá aguara ogüeráxé ramó oó'ju oeka awâ.



Aqui a onça está indo a procura dos espinhos e ela vai achar.

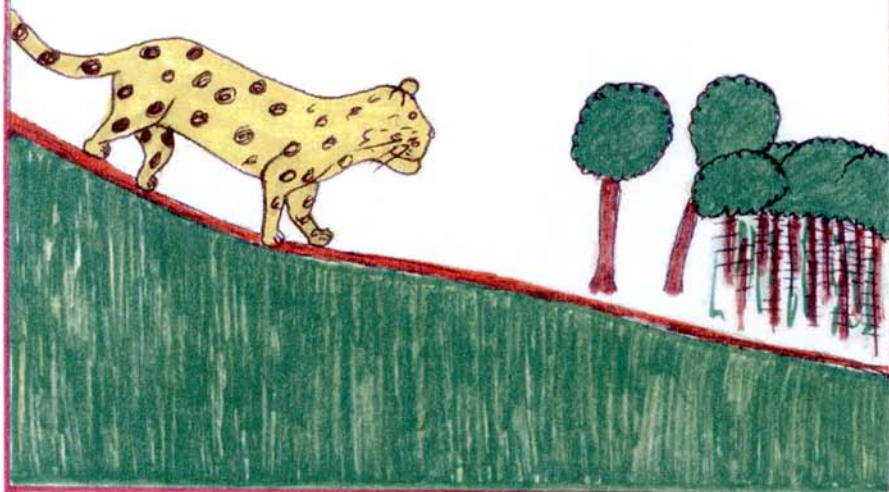
Ko apy aguara oó oiny juú rekavy a'é ojou va'erã.

Mas o inambu curador sente
que alguma coisa vai
acontecer com a onça e vai
procurá-la.



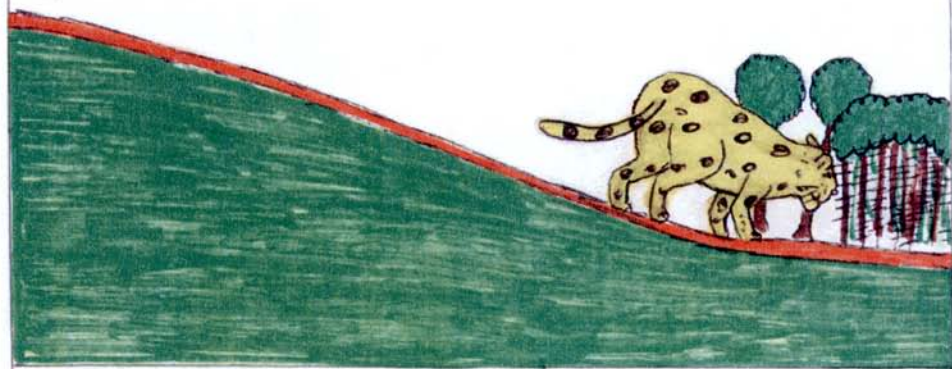
We inambu nhomomguera'a oendú ki
ba'emogüe ojeapota aguara re'e a'é
oó oeka'vy.

A onça chegou nos espinhos e ficou com medo mas não desistiu. Portanto queria ficar curada.



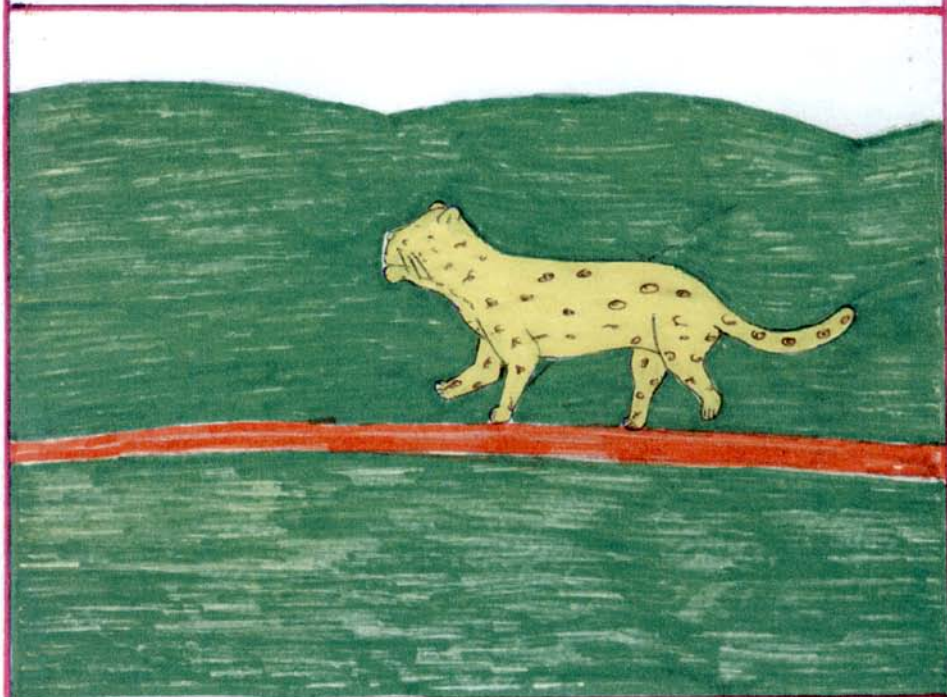
Aguara omaê juú apy i okyje tei
aema oó ba'eto oipota ogüera
awã.

Olhou firme nos espinhos, correu ao encontro e ficou cega rapidamente.



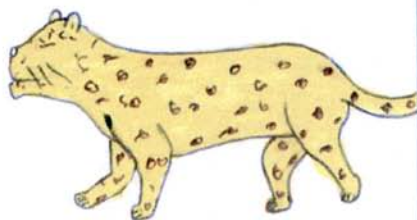
Oma'e ata juú're onhanhi omaeje opytá
exa pygüe.

No mesmo momento pensou a onça:
o tamanduá me enganou, agora vou acabar com
ele. Quando voltava no caminho encontrou o
inambu.



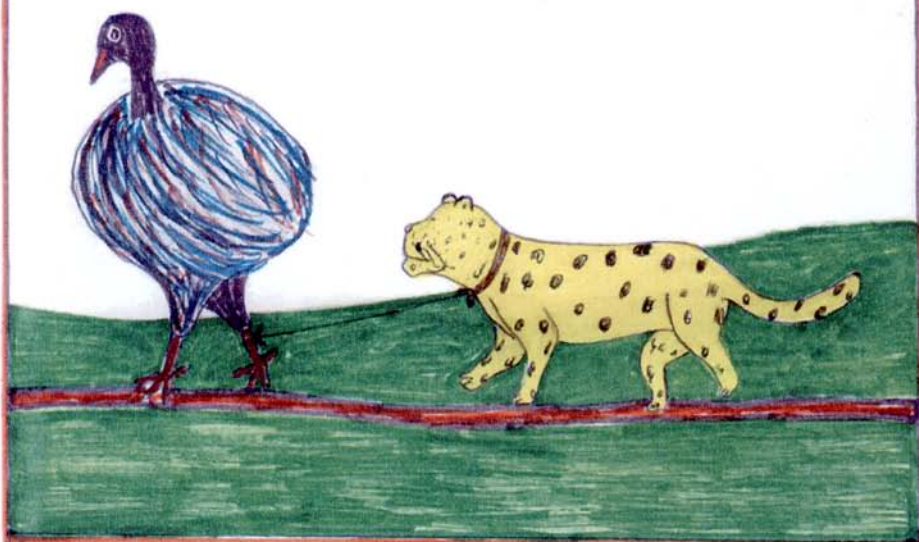
A'é javé emandu'á aguara kagüare xembotyvy
ko'ay aatá amomba exevé ojevy javé tape'rupi
omaeje inambu.

O inambu se assustou e perguntou o que te aconteceu meu amigo. A onça respondeu: o tamanduá me enganou ele falou que se eu corresse ao encontro dos espinhos enxergaria melhor mas eu fiquei cego.



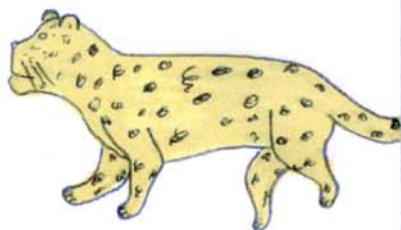
Inambu onhemomdyi'i oporandú (mbaé'va)
ojeapó xeiri aguara ipoe'i kaguare
xe'mboaty a'é ipoe'i xe anhanhi juú
omaeje'ru aexa porã' wema va'eri xerexa
pytú

O inambu disse:
Foi assim é? Agora não se assuste
mais deixa eu te amarrar na minha
perna eu vou te levar para te curar e
você vai enxergar de novo.



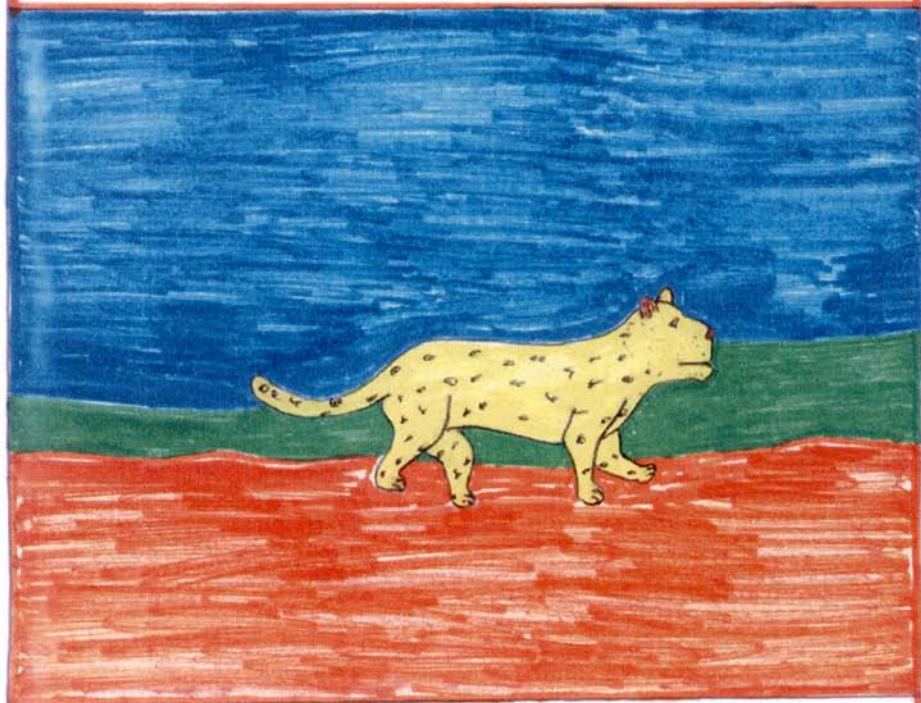
Okori-ma! Ko'ay ekyje memê tové
torojokuá xe'tymare xeé roguera áta
rombokwera deé rexa jivy awâ.

A onça ficou curada e falou para o inambu: você me curou e por isso a partir de hoje você é meu amigo, e nunca mais vou te atacar e devorar, portanto você me curou agora eu peço quando você me escutar por perto você cante bem alto e eu saio correndo para ficar longe de você.



Aguara opytá okuera e ipoe'i inambú upé deé xemboguera ramõ ko'ay güivé deé xeiri ko ay doromondy'i dorojukai xeé aporandu dejavé rupi xerendu ramõ eporai yvaté'ke xeé anhanhi reve axe mombyry apyta awâ degüi.

Assim, a onça deixou o inambu e foi embora.



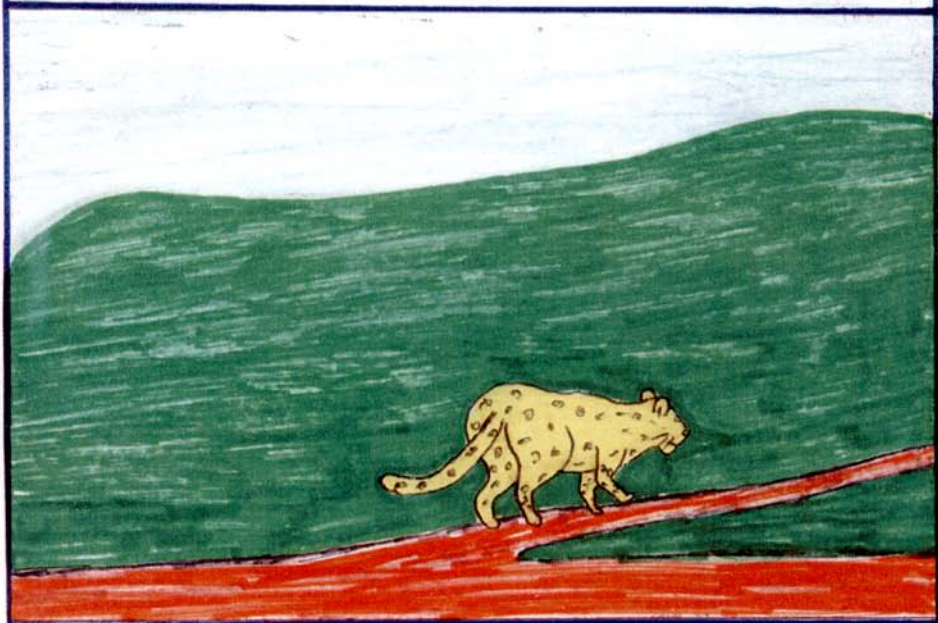
A'eri'je aguara oeja inambu'e oó jivy.

Um dia a onça estava em busca de sua presa e não percebeu que estava por ali o inambu.



Peteŋ güe je aguara oeka javé eva'e
a'é doikua'ai ke a'é rupi oiko inambú.

Ele só percebe quando o inambu
canta bem alto qüi qüi qüi qüi qüi
qüi qüi e sai correndo.



A'e oikua'á xó inambu onhe'e yvaté
javé. Ki, ki, ki, ki, ki, ki, ki ramō
oxé onhanhi reve.



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
CUIDANDO DE GENTE

SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO



Faculdade de Educação
Universidade de São Paulo



Este material foi elaborado nas aulas de didática, sob a orientação da coordenadora/professora Nívia Gordo, tendo por finalidade a produção de um conjunto de livros paradidáticos. Os autores são professores indígenas das diferentes etnias que fizeram parte do curso de Magistério Indígena.

Impresso por: **alphagraphics**
Pinheiros
3097-0789